

HUMANIMALIDADES: CADERNOS DE DESENHO COMO FERRAMENTA PARA A REINTERPRETAÇÃO DA NATUREZA A PARTIR DO FAZER ARTÍSTICO

ROSANA XAVIER¹;
PROF.^a DR.^a HELENE GOMES SACCO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – UFPel – rosana.xavier@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – UFPel – helene.sacco@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Humanimalidades: observação, colecionismo e reinterpretação da natureza a partir do fazer artístico refere-se a um levantamento do progresso atual de uma pesquisa de maior escala em andamento para a conclusão do curso de Artes Visuais Bacharelado com a orientação da professora doutora Helene Sacco.

Essa pesquisa tem a intenção de explorar a observação e o colecionismo envolvidos na prática de manter um caderno de desenhos, diário ou caderno de anotações, tratando este como uma forma de prática taxonômica para uma catalogação “intuitiva” de interesses, e como esses podem vir a auxiliar na compreensão e no fazer artístico futuro.

Também investiga a ação de desenhar como uma prática universal do fazer artístico mesmo dentre praticantes de outras linguagens como a escultura, pintura ou performance, apresentando a ação de tomar anotações, planejar futuros trabalhos ou esboçar ideias como um ponto inicial e integral do processo artístico a partir de uma análise de cadernos de desenho autorais e de outros artistas, como os cadernos de construção de Helene Sacco, a coletânea de cadernos de desenho de diversos artistas formulada por Aline Dias e os diários de viagem de Massimo Pietrobon.

Atravessando-os com a antiga prática de anotações sobre a vida cotidiana “hypomnêmata” discutida por Foucault em “A Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade e Política” enquanto os relacionamos com questões sobre o colecionismo trazidas por Maria Esther Maciel em “Ironias da Ordem” e Walter Benjamin em “O colecionador”, que exploram a natureza de organizar e catalogar como uma reação natural da humanidade àquilo ao nosso redor.

2. METODOLOGIA

Tal levantamento deu-se a partir de uma análise de produções antecedentes e o encontro de denominadores comuns: a natureza, a repetição e serialização, e o desenho e a presença da palavra.

A partir desses fatores comuns, iniciou-se a correlação entre a produção artística e um ato de colecionador ao juntar todos esses fatores e repeti-los em uma coletânea de trabalhos, uma investigação que abriu caminho para os cadernos de desenho anteriormente esquecidos, tidos apenas como parte do processo e não um ponto de interesse, mas que agora revelavam uma interação interessante entre processo e resultado final, se dando como um registro do processo, tal qual uma catalogação de interesses de seu autor.

Assim, subsequente a análise tanto das obras quanto dos cadernos, estabelece-se o início de um estudo acerca do colecionismo em conjunto com

discussões de artistas e escritores que vêm a debater sobre o tópico do como e porque a humanidade, artistas e não-artistas, fazem uso de listagens, catalogações e outros métodos de organização para sua vivência cotidiana.

E de como a natureza — essa se tratando de tudo aquilo que nos cerca, desde uma questão ecológica até a paisagem urbana — se engloba dentro do fazer artístico e das catalogações a partir da observação e reinterpretação das vivências no mundo e a atenção àquilo ao nosso redor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das pesquisas da relação entre escritos e diários como forma de interação do ser humano com seus arredores e, consequentemente, consigo mesmo, foi levantado o termo *Hupomnêmata* trazido por Michel Foucault em “Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política”.

Foucault traz em sua discussão sobre a escrita de si a prática da Grécia antiga na qual se mantinha um caderno de anotações — um *hypomnêmata* — no qual registraram tudo que lhes fosse pertinente: “podiam ser livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam de lembrete” (p. 144), mas seu apelo para essa pesquisa provém justamente de sua possível qualidade meditativa ao ser utilizado como uma espécie de “livro da vida”.

O autor alega que essas “cadernetas de notas” proporcionaram um lugar não só para a reflexão mas para a re-reflexão, já que ao colocarmos pensamento para papel, o que antes era uma ideia efêmera e facilmente perdida dentre tantas outras que nossas mentes geram o tempo todo, todo o tempo, se torna registro, e ao tornarmos algo registro, o tornamos consultável para a posteridade, permitindo que novas meditações fossem feitas sobre os mesmos ocorridos.

Prática pertinente para a investigação atual, já que a discussão trata-se justamente do caderno de desenho — diário ou caderno de anotações — como um registro artístico pessoal que pode ser consultado a qualquer momento para a análise de trabalhos antigos ou a conceptualização de novas obras, assim como um lugar meditativo sem as pressões da publicidade para o artista se permitir relaxamento e exploração de sua prática e interesses.

4. CONCLUSÕES

No livro “As Ironias da Ordem”, Maria Ester Maciel debate com os demais “colecionadores” citados a pesquisa sobre o que engloba os sistemas de organização, concluindo que o ato de colecionar, organizar, categorizar e *enciclopedizar* as coisas vem de um intrínseco desejo — ou talvez compulsão, necessidade? — de ordenar o caos.

Segundo Maciel, quando entra em diálogo com Benjamin, “(...) a coleção tem a função inerente de desafiar o caos ou, como diria Walter Benjamin, em “O colecionador”, “ela empreende a luta contra a dispersão” (BENJAMIN, Passagens, p. 245), visto que o colecionador, ao registrar/catalogar as coisas, retira-as do estado dispersivo em que se encontram no mundo e as recontextualiza num outro espaço, regido por leis próprias.” (MACIEL, As Ironias da Ordem, 2009, p. 26)

Pensando nisso, faz sentido que a humanidade se sinta compelida a tentar ordenar e retratar a natureza, já que esta é, de certa forma, a epítome do caos. Uma tarefa *sisífrica*¹, como a própria Maciel traz em seu livro ao falar do “inclassificável”, nenhuma forma de organização é infalível, já que sempre haverá aquilo que é: “passível de ser inserido (mesmo que provisoriamente) em vários lugares ao

mesmo tempo, dada a diversidade muitas vezes contraditória de seus traços. (...) todas as categorias em que poderia ser inserido são insuficientes para acomodá-lo.” (MACIEL, 2009, p. 15).

Logo, se encontramos o inclassificável ao tentarmos ordenar uma finitude, imagine dentre o âmbito infinito que é a natureza, onde tudo em seu caos tem uma motivação específica e própria, e o inclassificável é o produto de uma originalidade sempre imprevista. (BARTHES, 1977, *apud.* MACIEL, 2009, p. 14).

Se nos vemos compelidos a classificar o inclassificável devido a essa necessidade de “ordenar o caos”, o ato de manter um diário ou caderno como forma de, não ordenar o exterior, mas sim o interior não parece mais que uma ação natural de organizar o nosso consciente e subconsciente que, de certa forma, é um aglomerado caótico de informações infinitas, tornando as anotações, esboços e rabiscos uma forma de organizar o constante onda de pensamentos e informações que recebemos, tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro, fazendo daquilo que é produzido nesses cadernos uma reinterpretação daquilo que absorvemos e digerimos, criando uma interação “mundo-olho-mente-mão-caderno-olho”, criando uma interpretação daquilo consumido e a registrando.

A partir de outros artistas que trabalham com a produção em caderno, é possível ver diferentes formas que cada indivíduo decide fazer sua própria organização com sua própria finalidade.

Massimo Pietrobon, que faz diários com ilustrações e escritos sobre suas viagens em uma série de livros que chama de *Gli incredibili viaggi di Massimo Pietrobon*, utiliza-se de seu caderno como um registro temático sobre essas viagens, preenchendo-o com paisagens e escritos sobre seus dias no país estrangeiro, descompromissado com uma qualidade estética “polida” mas com finalidade e coesão. Muito similar ao que Laura V. Malmegrim faz em seu livro “Lauraindo”, no qual faz registros sobre seu circuito pela cidade, contando com rabiscos, listagens e anotações, também focando na temática.

Helene Sacco, que trabalha muitas vezes com construções e instalações, utiliza de seus diários também com propósito, mas dessa vez como relatos de construção, anotações e planos para o trabalho sendo elaborado, criando assim um ouroboros² de produção: um diário que resulta em produção, que resulta em diário.

Além desses três artistas, o que melhor vêm a representar a versatilidade do veículo artístico do caderno de desenho é a coletânea de Aline Dias pelo mesmo nome, no qual junta imagens retiradas dos cadernos de desenho de inúmeros artistas, mostrando perfeitamente como cada um exibe uma forma diferente de interagir com o espaço privado de seus próprios cadernos, alguns com desenhos detalhados, outros com desenhos mais simples, alguns que parecem não ter nexo, outros que apresentam toda uma lógica aparente, enquanto outros por vezes nem mesmo desenham, riscam, escrevem e planejam, seus dias, suas obras, nada e tudo, como um código que só faz sentido para aquele que o criou.

¹ Referente ao mito grego de Sísifo, que como punição dos deuses por seus crimes é迫使 a empurrar uma pedra colina acima, só para que ela role colina abaixo novamente e ele tenha que repetir o processo eternamente; significa uma tarefa sem propósito ou impossível já que nunca terá completude.

² A serpente que come a própria cauda; símbolo antigo de uma serpente ou dragão que morde sua própria cauda, representando o infinito ou algo cíclico; sem fim.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais** / Maria Esther Maciel. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- SACCO, Helene. **Diário de construção**. Edição única.
- DIAS, Aline. **Cadernos de desenho** / textos Aline Dias, Diego Rayck e Ana Lucia Vilela; org, Aline Dias. — Florianópolis: Corpo Editorial, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- MALMEGRIN, Laura V. **Lauraindo** / Laura V. Malmegrin; Ilustrações da autora. Folianópolis: Da autora, 2022.
- PIETROBON, Massimo. **Gli incredibili viaggi di Massimo Pietrobon: Volume 1, Brasil** / Massimo Pietrobon: Editora Caseira, 2017.